

**A Obra Medalhística de João Duarte** \_\_\_\_\_ **Crítica de Álvaro Lobato de Faria**

As artes plásticas são, desde sempre, uma parte nobre do homem na sua riqueza e também na sua multiplicidade.

Fazem parte da cultura que todos nós apreciamos. Concedem-nos uma dimensão que nos prolonga no tempo. Empréstam-nos asas para voar, transformam a realidade, criam-na e recriam-na, ultrapassam-na, ajudam a enriquecer o nosso conhecimento e a nossa experiência. Aproximam-nos, sublimam-nos. Dão a moldura devida à nossa vida.

Saber que posso, de alguma forma, divulgar a arte criando hábitos de amor, carinho e compreensão por ela é, para mim, motivo de grande importância e de orgulho.

Conto que este evento crie um espaço de reflexão, de convívio e debate fundamental, de interrogações e interpretação estética, capaz de retemperar a força imaginativa de todos os participantes e, ainda que indirectamente, semear no vento que visita as encruzilhadas da paisagem que nos aconteceu habitarmos, a inspiração de algumas lufadas mais de lucidez e liberdade.

O porquê da minha escolha sobre o trabalho de Medalhística do Professor João Duarte, para aqui apresentar na III Bienal de Medalha Contemporânea do Seixal, deve-se ao facto da grande admiração que nutro pela sua excelente obra e também pelo seu enorme profissionalismo e grande amizade que nos une.

Quero acrescentar que, sou Director Coordenador do MAC – Movimento Arte Contemporânea, e como tal, interessado em divulgar nos nossos espaços, para além da pintura, da escultura, da joalheria, da tapeçaria, outras áreas que tenham relevância no panorama artístico, quer em Portugal quer no estrangeiro.

É nesta perspectiva que no ano de 1997, o escultor e medalhista João Duarte, me solicitou uma exposição individual de toda a sua obra de Medalhística.

Era um desafio que eu nunca tinha tido. Solicitei-lhe fotografias das suas medalhas.

Estava à espera de umas medalhas comemorativas, de grande realismo, com uma distribuição com grandes critérios de claros-escuros, valorizando deste modo a forma redonda das medalhas, que normalmente se encontram no mercado.

Quando me foi apresentado o seu dossier fiquei imediatamente liberto dos conceitos clássicos do que vulgarmente chamam “ Medalha “, para acrescentar a denominação de “Objecto “, e é nesta transformação, que pela primeira vez em Portugal um espaço cultural comercial, abre as portas à Medalhística

O MAC – Movimento Arte Contemporânea, teve esse privilégio.

Desde a fundação do MAC, quase com dez anos de existência, que o escultor Professor João Duarte tem sido um verdadeiro Amigo e um colaborador activo constante, expondo com

regularidade o seu trabalho de escultura e de medalha, contribuindo também, deste modo, para o prestígio do MAC – Movimento Arte Contemporânea.

O Prémio “MAC 2000 – Medalha” é-lhe atribuído no VI Aniversário do Movimento Arte Contemporânea, assim como, o Prémio “MAC 2002 – Carreira” no VIII Aniversário do Movimento Arte Contemporânea, e o “MAC - 2003 Prestígio” no IX Aniversário do Movimento Arte Contemporânea .

Falando da sua obra circunscrita na respectiva época para uma melhor compreensão, verifiquei-lhe a sua grande paixão pela medalha, na execução e divulgação.

A sua primeira medalha data de 1985, e com apenas dezoito anos de trabalho em Medalhística, neste momento, tem já editadas noventa.

As suas medalhas, são “desafios saudáveis” que conduzem à reformulação do conceito estético e técnico da medalha, notando-se personalidade e grande maturidade na sua obra, fazendo com que a Medalhística nacional continue a ser considerada, uma das melhores do mundo.

João Duarte, nasceu a 29 de Novembro de 1952, em Lisboa.

Licenciou-se pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em Artes Plásticas -Escultura) em 1978.

Neste momento, é Professor Auxiliar de Escultura e Medalhística na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Entra para membro da FIDEM (Federation Internationale de la Médaille) em 1990.

Realizou oito exposições individuais de medalha contemporânea, duas das quais, no estrangeiro (Espanha e Estados Unidos da América).

Participou em dezenas de exposições colectivas de medalha tanto em Portugal como no estrangeiro.

Ganhou vários **primeiros** prémios em concursos públicos de medalhas, destacando-se o Prémio Internacional de Inovação e Criatividade da Fundação Calouste Gulbenkian no XVIII Congresso da FIDEM, realizado em Paris em 2002.

Nesta sequência ganha agora na III Bienal Internacional do Seixal o Prémio Inovação.

Realizou várias conferências sobre Medalha sendo as mais importantes: “ O ensino da Medalhística na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa “ na University of Arts, em Filadélfia, USA, em 1999; “Novas atitudes Contemporâneas na Produção da Medalha em Portugal “ na Academia de Belas Artes em Lisboa; “O Papel do Projecto Volte Face Medalha Contemporânea na Renovação da Linguagem da Medalha Contemporânea em Portugal” no XXVIII Congresso Internacional da FIDEM em Paris.

Fundou com mais cinco artistas, o Grupo Anverso Reverso – Medalha Contemporânea, na Cadeira de Medalhística, onde na altura era Professor Assistente do Professor Associado Helder Batista.

No ano lectivo de 1997/1998 funda o Projecto Volte Face – Medalha Contemporânea, já como regente da Cadeira de Medalhística da Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

No ano de 2001, solicita a criação do Centro de Estudos Volte Face – Medalha Contemporânea à Faculdade, mas os estatutos não o permitiam.

Em Outubro de 2003, com a alteração dos estatutos, foi decidido pelos órgãos da Faculdade (Conselhos Científico e Pedagógico) e por unanimidade, a criação do Centro de Estudos Volte Face.

Este Centro, neste momento realizou já, vários protocolos com instituições nacionais e internacionais, com o objectivo de promover a medalha nacional, através de todo o mundo.

Falando agora um pouco sobre a história da medalha.

É nos anos 60 que se dá a ruptura com as formas tradicionais de conceber a medalha.

Os artistas, não negando as influências herdadas das gerações anteriores, apresentam novas propostas a nível formal e tecnológico.

Em 1974, com a Revolução de Abril, multiplicam-se as emissões de medalhas cunhadas, perdendo-se muitas vezes, alguma qualidade artística em prol das actividades políticas e partidárias que se pretendem comemorar.

Por outro lado, alguns artistas surgem com medalhas libertas de todos os condicionalismos, apresentando-se assim, como autónomos.

É nessa altura que artistas portugueses começam pela primeira vez a estarem presentes nos Congressos da FIDEM (XIV Congresso da FIDEM, em Colónia na Alemanha).

Aparecem nesta altura, duas revistas da especialidade a “ Medalha “ e a “ Moeda “.

É com esta vertiginosa e fascinante evolução científica e tecnológica das últimas décadas do século XX, que a experimentação tem um papel primordial, tanto a nível de novos materiais como das novas formas.

É neste período que a medalha começa a ser um objecto, passando a existir num espaço pessoal, autónomo e independente.

O artista identifica-se pela sua liberdade de análise, trata ironicamente e até rejeita as características da medalha e depois transforma essas características com o critério pessoal, projectando-as num grande leque de materiais e formas.

Esta agitação produz uma renovação da linguagem, avançando-se sobretudo nos últimos anos para modelos mais conceptuais dentro das chamadas “medalhas-objecto”, ou “medalhas construídas “.

Foi nesta altura que o Professor João Duarte se torna um dos pioneiros, contribuindo de forma inequívoca para a exaltação da “medalha-objecto”.

Esta, cria uma estrutura organizacional interna, que lhe permite distanciar-se do óbvio e aumentar o seu poder ritual e evocativo, porque se transforma num objecto enigmático, digno de ser decifrado e que criou a sua própria natureza estruturante por oposição à natureza canónica do classicismo.

A participação do fruidor é mais activa – um estímulo perceptivo é fornecido ao indivíduo de forma sumária e fragmentada, cristalizada no objectivo.

Com uma imagem clássica representativa isso nunca aconteceria, pois o que percebemos é quase semelhante ao que vemos.

Daqui advém o interesse renovado da medalha e a novidade da “medalha-objecto” que objectualiza a matéria informe, numa síntese entre fragmentos do quotidiano e materiais amorfos.

Estes fragmentos remetem para a totalidade – é dada a parte pelo todo.

Na “medalha-objecto” recusa-se, frequentemente, a ilusão da tridimensão perspéctica em favor de uma dimensão táctil e mecânica do objecto.

Através da colagem ou “assemblage” de elementos distintos, os artistas utilizam, agora, procedimentos tecnológicos mais sumários e rápidos de captação do real.